

FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)
XIV ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO
X CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO
MODALIDADE DO TRABALHO: Comunicação Científica
GRUPO DE PESQUISA: Projetos Pedagógicos e Metodologias de Ensino

ENSINO DE JORNALISMO SEGMENTADO: O JORNALISMO RURAL NOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO MATO GROSSO DO SUL

Lucas Marinho Mourão¹
marinho_lucas@yahoo.com.br

RESUMO

Esse artigo analisa como os professores ensinam a prática de Jornalismo Rural nos cursos de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, nas universidades do Mato Grosso do Sul. Foram reunidas informações que demonstram a importância da agropecuária na economia e nos principais meios de comunicação do estado, por meio de referências bibliográficas. Fez-se um levantamento, por meio da aplicação de questionários e entrevistas, de como é o ensino dessa disciplina e o impacto que tem na preparação e conscientização dos futuros jornalistas. Ao todo foram entrevistados três professores e 30 alunos nas três universidades que oferecem a disciplina (UCDB, Uniderp e UFMS). Concluiu-se que o ensino das três é realizado de acordo com as especificidades da disciplina e apresentam os temas mais importantes do setor e divulgados na mídia pesquisada. Os professores e alunos mostraram ter ciência da importância do Jornalismo Rural no contexto do estado e do papel do jornalista rural, além de julgarem que a disciplina prepara os alunos para o mercado de trabalho rural da região.

Palavras-Chave

Jornalismo Rural. Ensino de Comunicação. Ensino de Jornalismo Rural.

¹ Jornalista graduado em Comunicação Social – Jornalismo, pela UFMS (2010). Mestrando em Comunicação (UFMS). Como pesquisador, desenvolve pesquisas na área da Comunicação, do Audiovisual, Telejornalismo e Jornalismo Rural. Faz parte do Grupo de Pesquisa NEIS (Núcleo de Estudos de Palavras, Imagens e Sons), coordenado pela Profa. Dra. Ruth Vianna, UFMS.

INTRODUÇÃO

Transferir para a sociedade rural os conhecimentos originados nas universidades, decodificados e em linguagem jornalística, é o que o setor espera do comunicador especializado e às universidades cabe a missão de prepará-los. Como afirma Melo (1993, p.78):

“trata-se de um desafio a ser enfrentado pela comunidade universitária da comunicação social, na medida em que o Brasil permanece com um perfil econômico marcado pela produção agropecuária, fonte significativa da sua pauta de exportações”.

Este trabalho pretende analisar como é ensinado o jornalismo rural nos cursos de Comunicação Social/Jornalismo do Mato Grosso do Sul. A abordagem leva em consideração o contexto ruralista do estado, marcado pela forte economia agropecuária e a presença da pauta rural nos principais programas de televisão e jornais diários. As universidades selecionadas foram aquelas que ofertavam a disciplina de Jornalismo Rural ou Comunicação Rural na matriz do curso: UFMS, UCDB e Uniderp.

Por meio de referências bibliográficas, entrevistas e levantamento de dados, o assunto foi contextualizado demonstrando: o peso da economia rural no Brasil e em Mato Grosso do Sul; foi feita a aplicação de questionários (formado por perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha), formulários e entrevistas. O objetivo era observar como e o que é ensinado na disciplina dos cursos, destacando as metodologias usadas, as atividades feitas, o conteúdo lecionado, a visão dos professores sobre o assunto, o impacto dessa editoria nos acadêmicos.

I. A AGROPECUÁRIA NA ECONOMIA NACIONAL

Assuntos relativos à agropecuária ganham cada vez mais importância na mídia brasileira, sendo fruto da realidade econômica atual do Brasil. É o que ocorre também no estado do Mato Grosso do Sul, com sua produção e exportação predominantemente rural. Conforme informado, os números das pesquisas servem para comprovar essa situação.

A agropecuária no Brasil

O Brasil, segundo o Censo Agropecuário de 2006, feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, tem 59.500 unidades de áreas cultivadas, 197.000 áreas de pastagem permanente e 5.175.489 estabelecimentos agropecuários. 16.414.728 é o número de pessoal ocupado no campo. Em 2009, a política agrícola contou com um orçamento de R\$ 107,5 bilhões – 37% a mais que em 2008. R\$

92,5 bilhões apoiavam a agricultura comercial e R\$ 15 bilhões a agricultura familiar. O País dispõe de 106 milhões de hectares de área fértil a expandir. Os EUA já exploraram toda a sua área agricultável.

Segundo o IBGE, a agropecuária se mostra cada vez mais o destaque da economia brasileira. No segundo trimestre de 2010, se apurou que o setor em maior ascensão no Produto Interno Bruto foi justamente o setor primário, ficando à frente da indústria e serviços. Segundo o IBGE (2010), a agropecuária foi o setor da economia que apresentou o maior crescimento no segundo trimestre deste ano, em relação ao trimestre anterior, com aumento de 2,1%. A indústria cresceu 1,9% e os serviços, 1,2%.

A agropecuária em Mato Grosso do Sul

A importância da agropecuária no Mato Grosso do Sul pode ser medida pelos dados estatísticos do setor. Segundo o Censo Agropecuário 2006, o estado possui 78 municípios e 2.360.498 habitantes - 409.054 pessoas ocupadas no campo (17,3%), 307.980 homens (75,2%) e 101.074 mulheres (24,8%), todos acima de 14 anos. O número de lavouras é de 6.181 unidades, em uma área de 60.745 hectares. O número de pastagens é de 16.639, numa área de 6.197.149 hectares. O Centro-Oeste conta com 317.478 estabelecimentos agropecuários de áreas cultivadas, sendo 64.862 unidades somente no Mato Grosso do Sul.

O estado destaca-se pela sua atividade agrícola, tendo como principais produtos a soja, o milho, o trigo, a mandioca, o algodão e a cana-de-açúcar. Em Dourados, se concentra a maior região de produção agropecuária. A cultura que está sofrendo maior expansão é a da cana-de-açúcar, com destaque para a região dos municípios de Sidrolândia e Maracaju, região de maior produção de etanol do estado. A soja e o milho predominam na região do Centro-Norte.

Devido à história, facilidades geográficas e investimento financeiro e político, a agropecuária tem dado cada vez mais notoriedade ao estado do Mato Grosso do Sul. Os dois setores de maior lucratividade são a soja (3ª mais produzida do País) e a pecuária de corte (maior rebanho bovino do País). Ambos foram os principais responsáveis pelas exportações em 2009: grãos de soja (US\$ 311.151.573) e carne bovina (US\$ 380.129.983), segundo dados divulgados pelo governo do estado.

O jornalista no contexto agropecuário

A importância que tem a agropecuária na economia do País e do estado, gerando alto lucro para grandes produtores e contribuindo no sustento de tantos trabalhadores rurais, exige maior atenção da mídia local. A presença de pautas relacionadas a esse assunto obriga então o profissional da área a estar preparado para trabalhar com informações que são extremamente específicas.

Esse profissional rural precisa estar ciente da evolução dos modos de produção no campo, os fertilizantes, agrotóxicos e máquinas. Saber também da especialização pela qual as fazendas passam, semelhante ao que ocorreu com as indústrias devido ao crescimento do capitalismo. A mídia rural precisa considerar que a tecnologia se faz cada vez mais presente no meio agrário, com maquinários modernos e setores da produção computadorizados. O jornalismo precisa retratar as políticas públicas no meio rural, que interferem muito no setor.

II. ENSINO DE JORNALISMO RURAL

Comunicação Rural na Academia não deve ser encarada apenas como mais uma disciplina a ser ensinada, para cumprir carga horária. Precisa, entretanto, ser vista como uma contribuição ao País e mais especificamente ao estado do Mato Grosso do Sul.

Para que haja um ensino integral e voltado especificamente para a área, necessita-se ainda de conteúdos contextualizados e modernos, atividades diferenciadas e não somente aulas expositivas em sala de aula, multidisciplinaridade, incentivo ao senso crítico dos alunos, estudo da realidade local, observando-se a produção jornalística da mídia regional; uma sucinta análise da história e evolução do Jornalismo Rural também é positiva.

Ensino padrão de Jornalismo

Leis como a de Diretrizes de Base número 9.131, de dezembro de 1996, contribuíram em relação aos currículos dos cursos universitários, com o fim de flexibilizá-los. Com o currículo mais contextualizado à realidade, os cursos passaram a ter a vantagem de expressar um diferencial.

É dentro dessa liberdade que as escolas precisaram rever as formas de ensinar e o conteúdo de suas disciplinas. A adequação do ensino de comunicação à realidade temporal passa a ser o objetivo de professores, coordenadores e pesquisadores da área, como trata Tarsitano. “Tendo em vista o envelhecimento do currículo, a preocupação é adequar toda grade de conhecimento à realidade atual.” (TARSITANO, 1999. p.5).

O ensino de jornalismo rural aos estudantes de comunicação, antes de passar por qualquer vertente específica de instrução, deve seguir os padrões tradicionais e ideais do jornalismo comum. As mesmas técnicas para se obter informações e divulgá-las no jornalismo cotidiano, também fazem parte do jornalismo para as pessoas do campo. É necessário que as fases da comunicação sejam mantidas.

Todas as ferramentas padrões, como técnicas de lead e pirâmide invertida, podem ser lembradas nessa disciplina. As características jornalísticas tradicionais (atualidade, universalidade, periodicidade e

difusão coletiva) também podem ser reforçadas. Ferramentas alternativas, como exemplo o uso de jornalismo literário, também contribuem se forem apresentadas como maneira de informar.

Objetivos dos futuros jornalistas

Realmente, existe uma responsabilidade dos cursos de comunicação em formarem os alunos de Comunicação Rural de maneira especializada, como defende Bordenave (1993): “são requeridos um estudo amplo e uma reflexão serena sobre o papel reservado ao profissional da comunicação rural, seu perfil, suas tarefas e seus limites, para que as instituições possam fazer jus ao nome de universidade ainda em nossa geração.”

Os agricultores precisam tomar diversas decisões em suas atividades normais. Decisões essas que dependem de três fatores: querer, saber e poder. A comunicação influencia sobre todos eles. Por exemplo, para um fazendeiro adotar uma inovação tecnológica, ele precisa saber que ela existe, como funciona e quais são suas conseqüências; poderá operá-la somente se aprender como fazer. A informação acaba sendo a peça chave em todo esse processo. Como retrata Bordenave (1993, p.21): “A incerteza que rodeia o agricultor só pode ser reduzida usando seu antídoto fundamental: a informação. A função básica da informação é reduzir ao mínimo possível o caráter aleatório da agricultura, fornecendo ao produtor guias seguros e confiáveis para suas decisões.”

Ensino contextualizado

Há necessidade de uma nova abordagem da Comunicação Rural (e conseqüentemente do ensino dela), baseada na presença da evolução tecnológica no campo, contrastando com a tradicional cultura camponesa, que ainda existe. Ao comunicar, o jornalista deve lembrar que está falando para o ruralista que ainda usa enxada e também para aquele que está apreendendo a operar um trator computadorizado e usa GPS. Os dois existem no País e participam da agropecuária brasileira.

O papel dos cursos de jornalismo é trabalhar como agentes transformadores e renovadores da sociedade, identificando-se, por exemplo, com as reais necessidades sociais do mundo rural ao redor. As universidades precisam acompanhar a velocidade das tecnologias modernas para dotar o jornalismo de profissionalismo e preparar o aluno para se adequar a uma mídia agrícola atualizada e coerente com o mundo atual.

A missão é preparar, com cuidado, jornalistas para atuarem nesse setor, conscientizando-os de que, ao trabalharem com a divulgação da agropecuária, estarão também contribuindo para o desenvolvimento. A Faculdade não pode deixar de observar e assimilar as necessidades comunicacionais de sua sociedade ruralista.

Segundo Carvalho (2009, p.27), o jornalismo rural na atualidade, como características, deve:

Revelar a importância de sua divulgação como fator de informação e desenvolvimento de um setor ainda precariamente conhecido. (Isto é possível com um número cada vez maior de jornalistas conhecedores de agropecuária e comunicação rural.) **Despertar** no comunicador o interesse para o aprofundamento acadêmico na especialização em agropecuária. **Ser discutido** como disciplina nos currículos das escolas de comunicação. **Possibilitar** a transferência das informações geradas em outros setores da sociedade para o meio rural, em linguagens apropriadas, decodificadas e compatíveis à cultura rural e regional. (*grifo nosso*)

O papel das escolas de jornalismo é ensinar que o jornalismo rural deve agir ativamente na diminuição da distância comunicacional com o ruralista, divulgando todas as informações necessárias ao campo. As pessoas, por mais longínquas que residam, têm o mesmo direito à comunicação especializada da população urbana.

Atividades diferenciadas

Dentro desse raciocínio de ensino contextualizado, se insere a sugestão dos professores realizarem atividades variadas nas aulas, com o fim de que o aprendizado seja alcançado de várias maneiras. O ensino pode ser trabalhado com dinamismo, fugindo do padrão quadro e giz, dando a liberdade também para o professor realizar atividades extra-classe.

Para Maraschin (1979, p. 141), não se pode ter bons profissionais apenas com o aprendizado tradicional. O bom comunicador social precisa ser voltado para os problemas de sua sociedade e de sua época, sua consciência de homem livre deve se expressar na luta pelo direito de informação que todo o ser humano possui. E segundo ele, para que isso ocorra, a formação não pode ser feita apenas em sala de aula.

Poderá a escola exercer alguma influência no processo de formação? Naturalmente, quando recolocarmos a questão da formação, procurando transformar a alienação de hoje na liberdade de amanhã. Quando a rigidez dos programas, dos horários, das salas de aula, for substituída pela inteligência comunitária; quando as experiências cotidianas forem consideradas mais importantes do que os textos; quando a abertura às necessidades forem mais valorizadas do que a burocracia.

Por isso, a didática do professor deve ser abrangente, englobando diversas maneiras de ensinar: ensino teórico em sala de aula, análise e comparação de diferentes veículos, atividades extracurriculares, produção de matérias, etc. Assim como recomenda Gil (1999), aos pesquisadores, o jornalista também precisa, além do conhecimento do assunto, ter curiosidade, criatividade, integridade intelectual e sensibilidade social. Uma atividade diferenciada que contribui para a disciplina é o convite que os professores podem fazer a especialistas na área, jornalistas rurais e pessoas envolvidas no ramo para ministrarem aulas ou palestras aos alunos. Ouvir discursos e idéias diferentes das que são trabalhadas

tradicionalmente pelo professor contribui com o conhecimento dos alunos e somam ao ensino de jornalismo rural.

Linguagem especializada

Infelizmente, essa abordagem pode ser difícil de ser concretizada, pois os “donos” da agropecuária (grandes agropecuaristas) são economicamente mais visados (tanto pelo poder de compra – interessante aos patrocinadores, quanto pela facilidade que eles têm em serem atingidos pelos meios de comunicação). Já os pequenos agricultores exigem dos trabalhadores da comunicação uma dedicação a mais na personalização da informação. É o que afirma Queiroz (1994, p.30): “Sair do discurso da comunicação participativa e dirigida para o pequeno produtor à sua prática efetiva, não é tarefa fácil. Muitas mudanças terão que ocorrer, tanto em nível institucional como em níveis acadêmico e profissional.”

As diferenças de linguagem, classe social e instrução intelectual devem ser levadas em conta pelos divulgadores de notícias rurais. Como afirma Callou (2001, p. 03), realmente “a Comunicação no meio Rural é mais complexa do que imaginavam os difusionistas”. Embora não seja tão claro o que a linguagem realmente representa para a estrutura de classes, pode-se notar claramente a diferença entre a linguagem empregada pelas classes sociais mais elevadas e as mais baixas. Assim como entre a linguagem empregada pelas pessoas da cidade e do campo.

Multidisciplinaridade

O jornalismo rural é uma editoria que pode ser trabalhada facilmente em diferentes veículos de comunicação: televisão, *internet*, rádio e impresso. Seguindo os princípios de divulgação de matérias rurais, qualquer um desses meios pode atingir o público e cumprir seus objetivos. Por isso, se faz necessário que os professores trabalhem durante o ensino dessa disciplina com todos eles. É necessário, então, que o aluno conclua várias disciplinas como pré-requisito. A tendência é que a matéria seja lecionada praticamente no fim do curso, para que o universitário consiga fazer todas as disciplinas necessárias.

O ensino de jornalismo rural também deve ser sensível a abordagem integral que os estudantes fazem do campo. Para isso é necessário que outros conhecimentos sejam usados na divulgação das notícias. Os futuros profissionais devem estar atentos à Economia, que é um dos assuntos mais em voga nessa editoria; Psicologia e Sociologia, para entender o comportamento e relações dos personagens retratados; Lingüística, com a intenção de entender e informar dentro do entendimento do público envolvido; além de Antropologia, Biologia, Jornalismo Comparado.

Senso crítico e ensino participativo

No ensino de jornalismo rural precisa se levar em consideração uma certa complexidade que existe na educação. Uma das melhores formas de superar as dificuldades das ações pedagógicas é reconhecendo-as como um paradoxo. Por isso as aulas devem sempre partir do pressuposto que o conhecimento não é único e nem é canalizado por uma só pessoa, por exemplo, um professor. Os alunos e participantes da disciplina precisam ser ouvidos e incentivados a procurarem o conhecimento em outros lugares. Nesse sentido, debates, discussões, apresentações de trabalho se fazem necessárias. Durante o processo de comunicação não deve existir sujeitos passivos, pois o que caracteriza a comunicação é o diálogo entre os envolvidos. Para que a relação comunicativa aconteça de forma eficiente é preciso que os sujeitos estejam no mesmo patamar. A mensagem comunicada só terá significação se os participantes do processo tiverem compreendido o que o receptor pretendeu comunicar.

O educador precisa desenvolver atividades que levem os alunos a pensarem o mundo rural e tirarem conclusões próprias sobre ele. O senso crítico individual deve ser respeitado e compartilhado nas turmas, com uma comunicação em forma de diálogo. Todo cuidado é pouco para que na universidade haja encontro de sujeitos buscando a compreensão de um assunto, e não a transmissão de um saber por uma única pessoa. Como afirma Diógenes (2008, p.4):

A educação deve ser construção de pensamentos e idéias, em que os sujeitos envolvidos deverão ter liberdade para se expressar e o educador deve ter respeito ao ouvir as opiniões de seus estudantes. Ensinar não é transferência de conhecimento, mas uma forma de intervenção no mundo. (...) O papel do professor é mediar essas discussões.

Regionalização

O contexto em que se inserem os cursos universitários influencia muito no que é ensinado em sala de aula. Essa influência deve ser levada em consideração no caso da disciplina Jornalismo Rural, lecionada nas universidades de Comunicação do Mato Grosso do Sul. Com toda a importância que esse meio tem na economia e na vida de muitas pessoas, os responsáveis por essa disciplina devem dar atenção ao benefício da interação direta do meio com a Academia.

O estudo não deve então ser pautado somente em bibliografia e exemplos nacionais, fora do contexto regional. Com o mercado de trabalho muito mais propício a receber estudantes do próprio estado, nas faculdades se faz mais importante ao ter como objeto de estudo a situação local. Para Maraschin (1979), a completa formação do profissional só terá resultado se participar de um processo de abertura à sociedade, de seus problemas e do interesse desenvolvido pela cultura da época. Para ele o aprendizado profissional estaria mais relacionado com a sensibilidade do que com a razão.

Sobre essa questão de regionalização, Pinho (1986, p 290) posicionou-se da seguinte forma: “As escolas de comunicação precisam, para sua atualização e maior dinamismo, manter abertos canais de participação para que a comunidade traga as suas expectativas e necessidades legítimas, dando assim sua contribuição na formação do profissional de comunicação.” Com a importância que a disciplina tem para o mercado de trabalho no estado, é importante que os cursos locais repensem a atenção que dão a ela em vista de outras.

Observação da mídia e produção jornalística

Alguns professores de jornalismo conceituam como “Educomunicação” o processo de análise e produção de materiais de comunicação como instrumentos de ensino. São ações de cunho pedagógico que têm como objetivo oferecer ferramentas para a decodificação e avaliação da mídia. É uma ferramenta muito importante para o ensino de jornalismo e que pode ser muito bem aplicada ao ensino de rural. A maneira de realizar essa observação é através de uma leitura crítica dos meios, um processo de detalhamento do material midiático, a partir de um estudo sobre o conteúdo, fontes de informação, linguagem, edição e outros recursos utilizados para a produção do que é transmitido pelos meios de comunicação. Essa atividade tem como resultados uma positiva aprendizagem de como as mensagens são produzidas e elaboradas pelos meios de comunicação, criando no aluno uma maior noção de como acontece o processo de edição dos materiais e os interesses que estão por trás da divulgação de certas informações. Mas é necessário que esse trabalho seja acompanhado e tenha um caráter pedagógico, para que os estudantes tenham uma visão mais crítica do que é transmitido pelos meios de comunicação. Sem acompanhamento, essa atividade pode somente incentivar a reprodução do que já existe, o que pode ser perigoso. A partir dessa avaliação dos meios de comunicação, outro trabalho interessante a ser feito na matéria é promover a produção de matérias rurais pelos próprios alunos. Assim, os estudantes treinam para serem participantes da mídia, seja ela, impressa, em vídeo, rádio, *internet*.

Um ensino integral

É preciso, antes de mais nada, que as universidades dêem mais ênfase a produção em comunicação rural, para que aos poucos se construa teorias nesta área, cada vez mais sólidas e aplicadas ao mundo real. As universidades não podem só reproduzir modelos importados das bibliografias estrangeiras sem nenhuma criticidade e criatividade. Deve se investir cada vez mais em situações nacionais e regionais sobre a vida rural. A pesquisa acadêmica deve ter mais incentivo e financiamento. Isso abrirá inúmeras possibilidades de estudo sobre esse importante segmento da sociedade brasileira.

A partir dessas preocupações, as escolas de Comunicação Social, principalmente inseridas em uma localidade predominantemente rural, deveriam intensificar as discussões a respeito da comunicação voltada ao setor e dar a seus profissionais recém-formados condições de entender as necessidades sociais e profissionais do universo rural. É necessário comprometimento dos professores de Comunicação Rural para trabalharem a disciplina da maneira mais integral possível: sendo ensinada dentro do contexto jornalístico, analisando com os alunos a produção de matérias no ramo, discutindo como contribuir para a vida do campo, levando os alunos a terem senso crítico, entendendo e aplicando os conhecimentos às questões regionais e com linguagem especializada. O ensino pode ser realizado de várias maneiras, com abordagens e atividades diferenciadas, além de uma didática multidisciplinar, adaptada e contextualizada.

V. O ENSINO DE JORNALISMO RURAL NOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO DE CAMPO GRANDE

Metodologia da pesquisa

A pesquisa foi feita nos cursos de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, nas universidades do Mato Grosso do Sul que oferecem a disciplina de Jornalismo Rural ou Comunicação Social: Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (Uniderp). Todos os cursos selecionados usam Jornalismo Rural como nomenclatura da disciplina, a única exceção é a UFMS, que adotou Comunicação Rural.

No estado, outras universidades que oferecem o curso, mas não a disciplina rural são: Faculdade Estácio de Sá de Campo Grande, Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran) e Faculdades Integradas de Três Lagoas (AEMS). Os coordenadores alegaram que a editoria rural não é trabalhada de maneira específica pelos professores, e quando o fazem, é em pequena proporção durante o ensino de outras disciplinas.

Seguindo modelos tratados por Aidil Barros e Neide Lehfeld (2005), entrevistas e aplicação de questionários foram os instrumentos escolhidos para obtenção de informações. Entrevista e questionário aos professores que ministraram Jornalismo Rural em 2010, e questionário aos alunos que ainda não formaram, mas já concluíram a disciplina.

Os questionários priorizaram a organização, clareza e conteúdo preciso, com a intenção de ser respondido em um pequeno espaço de tempo para não desestimular o pesquisado. O questionário dos alunos teve sete perguntas, três fechadas, três de múltipla escolha e uma aberta.

Para os professores foi criado um formulário com 11 perguntas, que se dividiram em cinco fechadas e uma aberta e cinco de múltipla escolha; seis perguntas exigiam justificativas. As perguntas foram

estruturadas dentro do conteúdo trabalhado no artigo e tinham o objetivo de mostrar como é o ensino de jornalismo rural nos cursos de Jornalismo e se os temas das principais mídias rurais são tratados em sala de aula.

Com os alunos foi feita uma amostragem intencional e o número de selecionados para a pesquisa levou em consideração que a média de alunos que entram no curso de Jornalismo por meio de vestibular é 40, mas durante os anos há desistências e repetências. Os alunos que responderam o questionário precisavam ter concluído as aulas de Jornalismo Rural, e como a maioria dos cursos posicionou a disciplina no penúltimo semestre, levou-se em consideração que os acadêmicos estariam atarefados com os trabalhos de conclusão de curso. Levando em consideração essas duas vertentes, foi padronizado o número de 10 alunos por universidade, porcentagem possível de ser obtida e suficiente para a análise das informações.

As entrevistas feitas com os professores são classificadas como estruturadas, com questões previamente formuladas: foi feito um roteiro prévio de perguntas e não houve alteração dos tópicos e nem inclusão de questões frente às situações. Ao todo foram três professores entrevistados, das três diferentes universidades pesquisadas (UFMS, UCDB e Uniderp).

Foi feita uma análise qualitativa a partir das respostas, tanto dos professores (como eles vêem a importância do jornalismo rural nos cursos de Comunicação do estado, os conteúdos e a maneira que ensinam a disciplina), como dos alunos (a visão que tiveram da disciplina, de seu ensino e importância, além de fazer um levantamento de como os professores trabalharam os itens sobre o ensino).

A análise dos dados obtidos levou em consideração os temas tratados no início do artigo, ou seja, a observação do ensino de jornalismo rural nas universidades do estado teve seus itens baseados em referências bibliográficas, análise de veículos de comunicação e nos dados da economia rural do Mato Grosso do Sul.

Professores de Jornalismo Rural

Os professores entrevistados foram aqueles que ministraram a disciplina pela última vez (em 2010): na UFMS, Marcelo Vicente Cancio Soares; na Uniderp, Clayton Wander Nascimento de Sales; e na UCDB, Oswaldo Ribeiro. As ementas usadas por eles também foram incluídas

1. Marcelo Vicente Cancio Soares - UFMS

a) Currículo

Professor da UFMS, graduado em Comunicação Social (1980) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Especialista em Comunicação Social (1997) pela Universidade Católica Dom Bosco, UCDB.

Mestre em Ciências da Comunicação (2002) pela Universidade de São Paulo, USP. Doutor em Ciências da Comunicação (2008) pela Universidade de São Paulo, USP.

b) Experiência em Comunicação rural

I. Experiência acadêmica: Não teve a disciplina em sua graduação. Leciona a disciplina desde 1994, dando duas pausas, para fazer mestrado e doutorado.

II. Experiência profissional: Trabalhou sete anos como repórter no jornal MS Rural (Tv Morena); 10 anos na Assessoria de Imprensa da EMPAER (hoje Agraer) fazendo jornais internos, programas de rádio e vídeos, tendo contato com assistentes sociais do campo e pesquisadores.

III. Conhecimento adquirido: Contato com o pai, que trabalhava no Banco do Brasil e fazia financiamentos aos produtores rurais. Ele acompanhava o pai em fiscalizações e visitas, aprendeu na época a linguagem e os conhecimentos do campo.

c) Ementa da disciplina

A disciplina existe desde a criação do curso. Foi planejada e incluída na matriz curricular pela forte relação com área rural do estado e pelo potencial que representava e que ainda representa como fonte de pesquisa, de pautas jornalísticas e de trabalho para os alunos que fazem o curso em Mato Grosso do Sul.

I. Carga horária 68h

II. Período 7º semestre

III. Conteúdo programático

Formação do Estado. Questão fundiária / Importância do setor agropecuário/ Produção de alimentos. Realidade rural do Estado. Diferenças entre o rural e o urbano. Extensão Rural / Formas de comunicação. Início da Comunicação Rural. Conceitos de Comunicação Rural / Jornalismo Rural. Temais rurais / Jornalismo ambiental. Fontes. Pautas e produção de matérias. Linguagens.

IV. Objetivos

Informar sobre o processo de comunicação que é dirigido ao meio rural. Analisar a linguagem utilizada como forma de expressão. Relacionar a comunicação rural com o jornalismo produzido em emissoras de rádio e tv, jornais, revistas, sites e assessorias. Refletir sobre o mercado que surge com a criação de programas dirigidos ao setor rural. Relatar o processo histórico de comunicação rural no País. Proporcionar aos alunos maiores conhecimentos sobre o meio rural e jornalismo especializado.

2. Clayton Wander Nascimento de Sales - Uniderp

a) Currículo

Professor da Uniderp, graduado em Comunicação Social – Jornalismo (1997) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS. Especialista em Midiologia (2001) pela Universidade para o

Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal, Uniderp. Mestre em Ciências da Informação (2006) pela Universidade de Brasília, UNB.

b) Experiência em Comunicação rural

I. Experiência acadêmica: Fez a disciplina de Comunicação Rural na graduação. Passou a lecionar a disciplina este ano.

II. Experiência profissional: Trabalhou durante um ano no departamento de comunicação rural da antiga Empaer-MS e produziu durante dois anos o programa “Terra e Gente”, na rádio 104,7 FM.

c) Ementa da disciplina

A disciplina Jornalismo Rural faz parte da grade curricular desde a formação do curso em 1998. Foi planejada e incluída na grade pela forte relação com área rural do estado e pelo potencial que representava e que ainda representa como fonte de pesquisa, de pautas jornalísticas e de trabalho para os alunos que fazem o curso em Mato Grosso do Sul.

I. Carga horária 80h

II. Período 7º semestre

III. Conteúdo programático

Conceitos e objetivos do jornalismo rural. Conceito e cultura do homem do campo. Informação e extensão do jornalismo rural. As diversas linguagens na produção de mensagem. Difusão tecnológica.

d) Objetivos

Os diversos meios e necessidades do homem do campo.

3. Oswaldo Ribeiro - UCDB

a) Currículo

Professor da UCDB, graduado em Comunicação Social - Jornalismo. (1995) pela UFMS. Especialista em Aperfeiçoamento de Imagem e Som (2001), UFMS. Mestre em Ciência da Informação (2006), UNB.

b) Experiência em Comunicação rural

I. Experiência acadêmica: Fez a disciplina de Comunicação Rural na graduação. Leciona a disciplina há seis anos.

II. Experiência profissional: Trabalhou em rádio e televisão, editando reportagens e entrevistas de jornalismo rural.

c) Ementa da disciplina

A disciplina de Jornalismo Rural existe desde 2007 e é levada mais para conceitos e conteúdos jornalísticos na cobertura do espaço rural.

I. Carga horária 80h

II. Período 7º semestre

III. Conteúdo programático

Comunicação Rural: conceitos básicos. Comunicação e transferência de tecnologia na área rural. Agropecuária e agribusiness: o cenário brasileiro contemporâneo. O marketing e a propaganda rural. O jornalismo agrícola: a evolução da mídia impressa e eletrônica. Comunicação e extensão rural. Comunicação rural e desenvolvimento sustentável. O futuro da comunicação rural

IV. Objetivos

Possibilitar ao aluno maior conhecimento sobre processo da comunicação rural e sua função social. Capacitá-lo a utilizar de modo mais eficiente as ferramentas de comunicação rural em programas de difusão de tecnologias, extensão e desenvolvimento rural. Identificar, analisar e discutir os principais problemas da comunicação no ambiente rural.

Ensino de Jornalismo Rural nas Universidades do MS

1. UFMS

Segundo o professor Marcelo Cancio, a disciplina é importantíssima pela necessidade de se ensinar esse tipo de jornalismo especializado que produz tantas notícias e dinheiro para o estado. Ele acredita que as pessoas rejeitam essa área por não terem conhecimento da importância: tanto o Brasil, quanto o Mato Grosso do Sul, sobrevivem com a venda de produtos rurais. Como exemplo ele cita a cidade de Sidrolândia, que vende frango ao Irã. O jornalismo rural e seu ensino deveria contribuir então para a cobertura dessas informações importantes.

Sobre o papel do professor ele afirma que é dar um maior conhecimento da área aos alunos, para que eles cheguem ao mercado de trabalho com alguma experiência no ramo. Para Cancio, mesmo que o aluno não saiba tudo, numa entrevista de emprego, por exemplo, ele pode dizer que estudou rural, fez matérias nessa editoria. A função também é de apresentar, mostrar que o jornalismo rural existe e é forte, mesmo que os alunos conheçam pouco, por não entenderem a necessidade e não se interessarem por essa editoria. O aluno, mesmo que não trabalhe no ramo, precisa ter uma formação de jornalismo completa para o mercado de trabalho local. Ele ensina Jornalismo Rural com atividades de observação e análise da mídia rural. As mídias abordadas são impresso, televisão e internet. Não trabalhou rádio por questão metodológica. Segundo ele, as rádios nessa área estão mais no interior e haveria muita dificuldade no estudo delas. Há também produção de matérias rurais durante a disciplina, nos canais: internet e impresso.

Como metodologias de ensino são adotadas aulas expositivas, palestras ou aulas de convidados e atividades de estudo da influência da agropecuária na economia local. Fez atividade supervisionada

extraclasse: uma viagem de estudo e observação, com o fim de gerar conhecimentos práticos, e dar uma visão das informações e conteúdos reais do campo. Além de fazer contato com pesquisadores, conhecer o curral, criar uma pesquisa de campo fora da sala de aula e produzir matérias.

Para Cancio, 100% do ensino é baseado no mercado, economia e mídia regional. Trata em sala de aula da função (papel) do jornalista rural, dentro do contexto cultural e necessidades dos ruralistas. E entende que quem entra nessa área contribui com um ramo que está em ascensão, levando informações rurais ao público que necessita ou se interessa. Estuda o público e a linguagem especializada do Jornalismo Rural por meio de leitura de textos e discussão em sala. Um dos títulos trabalhados foi “Como produtores rurais acompanham a mídia específica”. Existe também muito debate, discussão, incentivo do senso crítico e participação do aluno nas aulas.

As disciplinas e conhecimentos necessários para cursar a disciplina de Jornalismo Rural segundo ele seriam, da grade de Jornalismo: Redação, Técnica de Reportagem, Telejornalismo, Radiojornalismo; e dos Conhecimentos Gerais: Economia, Questões Humanas da Agronomia, Sociologia Rural, cursos Sebrae sobre o campo. Acredita que é boa a atenção e investimento que o curso de Comunicação dá a disciplina. E considera que o curso dá a mesma importância para todas as disciplinas. Mas acha que a universidade deveria dar maior atenção, principalmente investindo em transporte para atividades no campo, e apoiando financeiramente nos gastos das visitas. Sobre os temas da editoria rural tratados pela mídia e sugeridos como os principais do setor, afirma que trabalha todos nas aulas.

2. Uniderp

Para o docente Clayton Sales, a disciplina é de fundamental relevância, devido ao contexto político-econômico e cultural do estado. Para ele, a importância do professor da área está em ser agente do esclarecimento sobre o contexto rural na sua completude e rompedor de mitos e preconceitos sobre esse meio. No ensino da disciplina, faz atividades de observação e análise da mídia rural. As mídias abordadas são *internet* e impresso. Não escolheu as duas por preferência, mas pelo quadro de disponibilidade dos espaços dedicados ao jornalismo rural na mídia em geral. Crê que no estado as divulgações são principalmente nesses veículos, tendo pequeno espaço nas rádios, geralmente dentro de programas noticiosos, e nos cadernos específicos e revistas direcionadas, no caso do impresso. Alunos ainda produzem notícias na editoria rural nos canais: *internet* e impresso.

Como metodologia de ensino, são feitas aulas expositivas, atividades de estudo da influência da agropecuária na economia local, mas não houve palestras ou aulas de convidados. E nem atividade supervisionada extraclasse, por falta de recursos da universidade. O ensino é baseado 90% no mercado, economia e mídia regional. Trata em sala de aula da função (papel) do jornalista rural, dentro do contexto

cultural e necessidades dos ruralistas. E considera que é um papel que se desdobra em duas frentes: elucidar à sociedade sobre o contexto rural, sua importância, sua complexidade e diversidade de atores, e contribuir para que valores como cultura, meio ambiente, educação se somem às abordagens tradicionais voltadas à economia, política e ciência para construir convivência ética e produtiva entre campo e cidade.

Estuda o público e a linguagem especializada do Jornalismo Rural a partir das análises de casos tanto nas mídias tradicionais e espaços diários na imprensa quanto nos veículos especializados, com o intento de promover parâmetros e elementos comparativos que permitam a percepção da linguagem e direcionamento de público por parte dos alunos. Serve de reforço, a produção prática em Jornalismo Rural. Há muitos debates, discussão, incentivo do senso crítico e participação do aluno nas aulas.

As disciplinas e conhecimentos necessários para cursar a disciplina de Jornalismo Rural segundo ele seriam da grade de Jornalismo: Jornalismo Especializado, Jornalismo Ambiental, Ética e Legislação em Jornalismo; e dos Conhecimentos Gerais: Realidade Sócio-econômica e Política Brasileira e disciplinas voltadas ao estudo do mercado regional no jornalismo. Afirma que é ótima a atenção e investimento que o curso de Comunicação dá a disciplina. Com exceção dos problemas estruturais para atividades extra-classe, a universidade tem o setor rural como um dos fios condutores de boa parte dos cursos, o que inclui o de Jornalismo. Trabalha todos os temas da editoria rural tratados pela mídia.

2. UCDB

Oswaldo Ribeiro acredita que a importância da disciplina é grande, devido à base econômica e social do estado estar ligada ao setor rural, mas diz que a aceitação por parte dos acadêmicos é relativamente pequena. Entende que o papel do professor de Comunicação Rural e Jornalismo Rural é o de facilitador de um novo entendimento sobre o espaço rural, que sofre transformações, e é alvo de muito preconceito. No ensino da disciplina, faz atividades de observação e análise da mídia rural. As mídias abordadas são impresso, televisão, *internet*, rádio. Todas com a mesma abordagem para oferecer ao acadêmico informações sobre os tratamentos das informações rurais em todos os meios. Os alunos também produzem matérias rurais na mídia impresso, em tablóides específicos que são feitos na disciplina.

Como metodologia de ensino, são feitas aulas expositivas, atividades de estudo da influência da agropecuária na economia local. Não fez palestras ou aulas com convidados, nem atividade supervisionada extraclasse, pela dificuldade com o transporte dos alunos. Segundo o professor, 100% do ensino é baseado no mercado, economia e mídia regional. Trata em sala de aula da função (papel) do jornalista rural, dentro do contexto cultural e necessidades dos ruralistas. E entende que a partir da cultura local, em parte baseada na agropecuária, o papel do jornalista rural é falar sobre o desenvolvimento deste setor e suas perspectivas e que é inegável que o profissional especializado nesta área deve entender também da complexidade do espaço rural.

Estuda o público e a linguagem especializada do Jornalismo Rural a partir a partir da análise de matérias exibidas (na televisão e no rádio) e disponibilizadas em sites. Entende que a partir dos meios de comunicação, pode-se entender as linguagens utilizadas bem como este linguagem vai atingir o público. Em suas aulas há muito debate, discussão, incentivo do senso crítico e participação do aluno nas aulas. As disciplinas e conhecimentos necessários para cursar a disciplina de Jornalismo Rural segundo ele seriam da matriz de Jornalismo: Imprensa Regional, Radiojornalismo, Telejornalismo, Jornalismo Online; e dos Conhecimentos Gerais: Realidade Sócio-Cultural Brasileira. Afirma que é boa a atenção e investimento que o curso de Comunicação dá a disciplina. Acha suficiente, porque em princípio os acadêmicos se interessam mais por assuntos do espaço urbano, a partir de características próprias da profissão. Trabalha todos os temas da editoria rural tratados pela mídia e sugeridos como os principais do setor.

Os alunos de Jornalismo Rural

O questionário dos 30 alunos entrevistados tinham perguntas cujas respostas pudessem refletir a maneira como eles vêem a editoria rural e o ensino dela na universidade.

a) Significado de Jornalismo Rural

100% dos alunos afirmaram saber bem o que é Jornalismo Rural.

b) Importância da disciplina nos cursos de Comunicação Social do MS

80% (24 alunos) consideram “muito” importante, 20% (6 alunos) “a mesma importância de outras disciplinas”, ninguém respondeu que tivesse “pouca” importância.

c) Interesse em trabalhar na editoria rural

	40% (12 alunos)	50% (15 alunos)	10% (3 alunos)
Antes da disciplina	Considerável	Nenhum	Muito
Após a disciplina	Considerável	Considerável	Muito

d) Após ter cursado Jornalismo Rural, considera-se preparado para atuar na editoria

100% (30 alunos) responderam “sim”, desse número 70% (21 alunos) se consideram com “muito” preparo e 30% (9 alunos) com preparo “razoável”.

e) Se considera que o Jornalismo Rural tem público e linguagem especial

100% responderam que “sim”.

f) Itens percebidos no ensino de Jornalismo Rural

100% (30 alunos) - Aula expositiva (professor explicando a matéria)

33,3% (10 alunos)- Palestras ou aulas feitas por convidados

33,3% (10 alunos) - Atividade supervisionada extra-classe

100% (30 alunos) - Observação e estudo da mídia rural

100% (30 alunos) - Estudo do público e da linguagem específicos do meio Rural

90% (27 alunos) - Abordagem regionalizada (Jornalismo Rural no contexto do estado do MS)

80% (24 alunos) - Papel (função) do Jornalista Rural

83,3% (25 alunos) - Estudo da influência da agropecuária na economia local

g) Disciplinas e conhecimentos que julgam necessários como pré-requisito para cursar a disciplina - Disciplinas da Grade de Jornalismo:

63,3% (19 alunos) - Redação Jornalística

56,6 % (17 alunos) - Telejornalismo

43,3% (13 alunos) - Técnicas de Reportagem

10% (3 alunos) - Entrevista e Pesquisa Jornalística

20% (6 alunos) - Outros: Teoria da Comunicação, Cultura de Massa, Jornalismo Científico

Disciplinas e Conhecimentos Gerais:

73,3% (22 alunos) - Economia e Realidade Socioeconômica e Política Brasileira

40% (12 alunos) - Sociologia

30% (9 alunos) - Antropologia

20% (6 alunos) - História e História Regional

20% (6 alunos) - Geografia e Geopolítica

16,6% (5 alunos) - Outros: Agronomia, Biologia, Veterinária, Biologia, Psicologia da Comunicação

Análise do ensino de Jornalismo Rural

Os três professores procuram observar a editoria rural na maioria dos veículos, o que é importante, pois o aluno passa a entender a forma particular que cada veículo informa a editoria. Já a produção de matérias é incompleta, pois na disciplina se produz para os veículos mais fáceis (impresso e *internet*) e os alunos não produzem rural no rádio e televisão. A justificativa é falta de tempo e dificuldade em produzir matérias nesses veículos.

Como metodologia os três cursos adotam o padrão das aulas teóricas expositivas. Uniderp e UCDB não tiveram convidados para ministrarem aulas ou palestras, o que contribuiria no ensino por somar uma visão diferente do professor. Os três trabalham a importância da agropecuária na economia local por meio de explicações teóricas, e discussões em sala de aula. A UFMS deu mais importância ao aprendizado fora da sala de aula, levando seus alunos a campo. Já as outras universidades justificaram que não fizeram por dificuldade em transportar os alunos.

Todos os professores declararam que as aulas são totalmente voltadas ao mercado de trabalho e a realidade rural local, o que auxilia aqueles que futuramente poderão trabalhar na editoria conhecedores da

situação dela de antemão. Todos os três trabalham com o papel do jornalista rural em sala de aula. Bom para os alunos reconhecerem a função que terão caso trabalhem no ramo. Os professores estudam o público e a linguagem do Jornalismo Rural por meio de explanações teóricas, discussões em sala de aula, leitura de textos e análise de matérias rurais. Eles compreendem bem a importância de estudar o assunto.

Os três entendem que contribui para a disciplina ter cursado disciplinas práticas antes de Jornalismo Rural, como Telejornalismo e Radiojornalismo. Com isso, os três confirmam que para se trabalhar o Jornalismo Rural nos diversos veículos de comunicação (observando e produzindo) é necessário que se tenha a prática deles. O professor da UFMS ainda acrescenta Redação, da Uniderp Jornalismo Ambiental, Ética e Legislação e da UCDB estudo específico da Imprensa Regional.

Sobre os conhecimentos básicos, UFMS sugere estudos de Economia e para entender a realidade do homem do campo, estudos sociais na área de Agronomia. A Uniderp também sugere disciplinas voltadas para área econômica e estudo do mercado regional no jornalismo. Já para UCDB é importante estudar a Realidade Cultural do País.

Todos os docentes dão abertura para discussões, idéias diferentes e sanar dúvidas em sala de aula, algo necessário, visto que o conhecimento não pode ser unilateral, principalmente em um assunto um tanto desconhecido. UFMS e UCDB vêem que a importância dada a disciplina é igual à de outras disciplinas. Na Uniderp, segundo Clayton Sales, é ótima a atenção e investimento que o curso de Comunicação dá a disciplina, o setor rural é um dos fios condutores do curso. O professor da UFMS entende, entretanto, que seria necessário mais investimento da universidade para atividades externas. Já o da UCDB acha que é suficiente, pois os alunos não se interessam tanto assim pela disciplina.

Os principais temas rurais presentes na mídia são todos tratados de diversas maneiras nas aulas: textos, nas análises e produção de matérias, em conteúdos de sala de aula, o que ajuda os acadêmicos terem uma noção de cada assunto antes de precisar divulgá-los no mercado de trabalho. A formação acadêmica dos professores é boa, há dois mestres e um doutor. Todos com formação e pós-graduação em universidades federais. Dois deles fizeram a disciplina de Comunicação Rural na graduação (Uniderp e UCDB), mas nenhum dos três tem formação específica em Jornalismo Rural. Todos tiveram uma considerável experiência profissional na área.

Sobre as ementas, a disciplina é lecionada no penúltimo semestre em todas as universidades, o que colabora para os alunos terem uma boa formação antes de estudar jornalismo rural, principalmente matérias práticas do jornalismo (como telejornalismo e redação jornalística). A carga horária também parece ser considerável, sendo que em todos cursos é a disciplina dentro do grupo com mais horas aula (68h na UFMS e 80 na UCDB e Uniderp).

100% dos alunos disseram saber bem o que significa esse jornalismo especializado, o que evidencia que não são leigos no assunto. Essa resposta também mostrou que ninguém achou que o ensino deixou a desejar ou que teve falta de interesse pela disciplina. A maioria dos alunos (80%) considera a disciplina “muito” importante, ou seja, acham que não é uma matéria comum, devido a necessidade do estado.

A disciplina também estimulou metade dos alunos entrevistados a trabalhar no ramo. 50% que não tinham interesse nenhum e depois das aulas passaram a considerar a hipótese de trabalhar como jornalistas rurais. Assim como 10% que já pensavam muito na hipótese e não foram desestimulados ao conhecer os detalhes do setor nas aulas. Além de que nenhum aluno respondeu que houvesse perdido o interesse na editoria. A totalidade dos alunos se diz preparada para trabalhar na editoria (100%), sendo que 70% se considera muito preparada. Isso mostra que o ensino, com seus conteúdos e metodologias fazem o aluno ter confiança em trabalhar nesse mercado de trabalho.

A grande maioria reconhece o diferencial da linguagem e público rural. O que é importante para quem irá conquistar uma vaga como profissional do setor, estando ciente que não é igual às outras editorias. Os acadêmicos também comprovam o que os professores informaram a respeito da metodologia adotada em sala (100% notaram o uso de aula expositiva, observação e estudo da mídia rural, estudo do público e da linguagem específicos do meio rural; e a maioria notou a abordagem regionalizada, 90%, papel do jornalista rural, 80%, e estudo da influência da agropecuária na economia local, 83,3%). Somente os 10 alunos da UFMS, 33,3%, notaram que tiveram palestras e aulas feitas por convidados e atividade supervisionada extra-classe.

Das matérias necessárias como pré-requisito e complemento de Jornalismo Rural, os alunos também deram ênfase para matérias práticas de Jornalismo (Redação Jornalística, 63,3%; Telejornalismo, 56,6 %; e Técnicas de Reportagem, 43,3%). Assim eles mostram que há a necessidade de saber como divulgar as notícias, antes de fazer no jornalismo Rural. As disciplinas de Conhecimento geral mais citadas como necessárias são sobre Economia, 73,3%; Sociologia, 40%; e Antropologia, 30%. O que mostra que eles acham necessário entender de economia para tratar dos assuntos em pauta na mídia rural (economia rural) e para tratar e entender o homem do campo, por meio da Sociologia e Antropologia

CONCLUSÃO

Este trabalho, cuja finalidade foi analisar como a disciplina de jornalismo rural é ensinada nas faculdades de Comunicação Social/Jornalismo do Mato Grosso do Sul, demonstrou a força que tem o meio rural na mídia, no mercado de trabalho e na economia regional e se isso é tratado em sala de aula. O estudo mostrou que mesmo com o contexto agrário do estado, quatro dos sete cursos de Comunicação Social/Jornalismo não tem essa disciplina em sua matriz curricular (AEMS, Estácio de Sá, Unigran e

Faculdade de Selvíria). Sobre essa ausência, o próprio jornalista Wilson Bueno afirma a respeito dessa realidade brasileira. “Infelizmente, ainda é bastante reduzida a oferta, no Brasil, de disciplinas (obrigatórias ou optativas/eletivas) rurais nos cursos de Comunicação/Jornalismo’ (BUENO, 2010)

Nenhum dos professores têm formação acadêmica específica na área. Isso exige que os docentes façam referenciais do ensino por meio de pesquisa e estudos próprios, baseado em conhecimentos de bibliografias e experiência profissional, não estudados de forma mais intensa em uma pós-graduação. Notou-se que os professores tentam trabalhar da maneira mais completa possível a disciplina. Estudando todos os temas frequentes na mídia, fazendo atividades de observação dos veículos, produzindo matérias (não em todos os meios), com uma abordagem regionalizada, e analisando a linguagem específica rural e seu público. Atividades extraclasse somente o professor da UFMS fez, com esforço do professor e alunos, sem auxílio da universidade. Sobre a intenção de melhoria da disciplina, com investimento da faculdade, somente o professor da UFMS vê a necessidade de maior investimento. O professor da UCDB minimizou a necessidade do investimento na disciplina dizendo que não há interesse dos alunos.

Nas ementas nota-se que a UFMS e a Uniderp viram a necessidade da disciplina no início do curso em 1989 e 1998, respectivamente. Já na UCDB, a inserção é mais recente (2007). A disciplina está no grupo de maior carga horária das universidades e em todas elas são oferecidas no penúltimo semestre, o que casa com a questão do aluno cursar a disciplina mais bem preparado. Os conteúdos programáticos abarcam os assuntos mais relevantes da disciplina. Os objetivos e metodologia da ementa refletem as respostas dos formulários e entrevistas.

Os professores e alunos manifestaram uma conscientização sobre a importância da comunicação e jornalismo rural no estado (econômica, política e socialmente). Os três professores também manifestaram a forte função da disciplina nesse quesito. A reação dos alunos ao assunto após a disciplina também é produtiva, mostrando que estudar jornalismo rural na universidade informa e muda o conceito (para melhor) dos futuros jornalista sobre a área. A pesquisa não fez uma avaliação rigorosa dos conhecimentos dos alunos, testando os conhecimentos trabalhados na disciplina, mas as respostas mostram que os conhecimentos foram trabalhados em sua totalidade e de maneira adaptada a editoria.

Isso mostra que a disciplina tem servido bem na preparação dos alunos para o mercado de trabalho, e mesmo não recebendo uma atenção diferenciada por parte das universidades, tem feito seu papel de apresentar a importância do assunto no País e no estado. Os alunos das universidades que cursam Jornalismo e Comunicação Rural, mesmo que não “doutores” no ramo, podem trabalhar em qualquer veículo, um pouco menos no rádio, sem grandes dificuldades.

BIBLIOGRAFIA

Livros

BARROS, A. J.; LEHFELD, N. A. S.. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

FORTES, W.G. **O ensino de relações públicas: currículo da universidade estadual de Londrina**. In: Comunicação e educação: caminhos cruzados. KUNSCH, M.M.K. São Paulo: Loyola, 1986.

MELO, J. M.; FADUL, A. & SILVA, C. E. L.. **Ideologia e poder no ensino de comunicação**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **O espaço da comunicação rural nas escolas de comunicação social**. In: BRAGA, G.M., KUNSCH, M.M.K. Comunicação rural discurso e prática. Viçosa: UFV, 1993.

PINHO, J.B.. O projeto pedagógico como transformador do ensino de publicidade e propaganda na Puccamp. In: KUNSCH, M.M.K. **Comunicação e educação - caminhos cruzados**: Loyola, 1986.

SILVA, C. E. L.. **A política educacional brasileira e os currículos de comunicação**. In: MELO, J. M.; FADUL, A. & SILVA, C. E. L.. Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

TAVARES, F. M. B.. **O jornalismo especializado e a especialização periodística**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Estudos em Comunicação, 2009.

TORQUATO, G.. **Formação do jornalista**. In: MELO, J. M.; FADUL, A. & SILVA, C. E. L.. Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

Artigos e teses

BRAGA, G. M.; CARVALHO, G. B.. **O futuro da comunicação rural**. Viçosa: Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, 1993.

CALLOU, A. B. F.. **A pesquisa em comunicação rural na Intercom – 1991/2000** In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande/MS – setembro, 2001. Recife: UFRPE, 2002.

DIÓGENES, C. D.. **Comunicação como prática educacional**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2008. DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DE NEGÓCIOS GERÊNCIA DE ESTUDOS E ASSESSORIA. **Boletim anual do mercado de grãos: soja, Safra 2008/09 e Expectativas para 2009/10**. Estudos Econômicos e Pesquisas, 2009.

QUEIROZ, A. C. F.. **A Pesquisa em comunicação no Brasil - as contribuições da Intercom**. Viçosa: In: I Seminário de Comunicação Rural na UFV, 1988.

TEIXEIRA, E. C.. **Comunicação e política agrícola**. In: Seminário de Comunicação Rural na UFV, Viçosa: 1988.